

## **DO NUTRARTE À PASTELARIA Q'SABOR: PERCORRENDO CAMINHOS INTERSETORIAIS**

Elizabeth Satie Henna<sup>1</sup>  
Ricardo Lopes Correia<sup>2</sup>  
Marcos Silveira<sup>3</sup>

Este artigo relata a experiência do Núcleo de Trabalho e Arte (Nutrarte), serviço pertencente à Rede de Atenção Psicossocial de São Bernardo do Campo, estado de São Paulo, no fomento a projetos de inclusão social pelo trabalho que resultou na Pastelaria Q'Sabor. O Nutrarte iniciou essa experiência no âmbito da saúde, reunindo usuários que frequentavam a oficina de culinária do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e tinham o desejo de trabalhar na área da alimentação, mas buscou parcerias intersetoriais para que a pastelaria se concretizasse como direito ao trabalho propriamente dito. De fato, foram o Departamento de Empreendedorismo, Trabalho e Renda da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo (SDETT) e o Instituto Consulado da Mulher que permitiram que este projeto se tornasse realidade.

### **O Cenário da Experiência**

Para contar esta experiência, descreveremos sucintamente o processo da reforma psiquiátrica no município e apresentaremos em linhas gerais os referenciais teóricos que a nortearam.

Até o ano de 2008, em São Bernardo do Campo, o modelo assistencial em saúde mental era centrado no hospital psiquiátrico. Os CAPS funcionavam nos moldes de um ambulatório e o Pronto Atendimento servia de porta de entrada para o hospital psiquiátrico. Em 2009 assume uma nova administração com o compromisso de transformar o modelo assistencial, a partir da superação do hospital psiquiátrico e da implantação de uma rede de serviços comunitários que pudesse oferecer um “conjunto vivo” de possibilidades com foco na saúde e não apenas na doença. O CAPS adulto e o CAPS álcool e drogas (AD) foram transformados em serviços 24 horas e passaram a

---

<sup>1</sup> Cientista Social, Mestranda em História das Ciências e da Saúde, ex-gestora técnica do Nutrarte.

<sup>2</sup> Terapeuta Ocupacional, Mestre em Saúde Coletiva, Docente da Faculdade de Medicina do ABC e co-gestor do Nutrarte.

<sup>3</sup> Biólogo. Especialista em Saúde Mental e gestor do Nutrarte.

funcionar seguindo as diretrizes da Reforma Psiquiátrica (lei 10.216/2001). Foram implantadas 5 Residências Terapêuticas a fim de acolher 40 pessoas que estavam morando no hospital psiquiátrico há anos ou décadas. Para o atendimento de usuários de álcool de outras drogas, além dos CAPS AD adulto e infantojuvenil, foram implantados o Consultório na Rua e as Unidades de Acolhimento Temporárias Adulto e Infantojuvenil. Houve também a descentralização dos atendimentos ambulatoriais que aconteciam nos CAPS para as Unidades Básicas de Saúde.

Entendemos a Reforma Psiquiátrica como um processo de transformação sociocultural, em que a sociedade é obrigada a rever o lugar do sujeito em sofrimento mental. E se esse lugar já não é mais o manicômio, mas a comunidade; se o louco já não é mais um excluído, mas um cidadão; ao visarmos sua Reabilitação Psicossocial devemos colocar em prática estratégias que garantam não apenas o direito à saúde, mas também outros direitos sociais como: moradia, educação, trabalho e tantos outros (SARACENO, 2001).

Assim, tendo como base a experiência da reforma psiquiátrica italiana, investimos no trabalho como recurso para a reabilitação psicossocial e a inclusão social dos usuários. Segundo Taleikis (2009, p. 39):

Ao contrário das experiências desenvolvidas na Europa e nos EUA, onde a utilização do trabalho mantinha uma intenção terapêutica, adaptativa, cuja finalidade era a recuperação da mão-de-obra, na experiência italiana o trabalho era considerado uma possibilidade real de participação e melhoria da qualidade de vida, questionando a utilização do trabalho alienado, fonte de adoecimento e submissão ao modelo capitalista hegemônico, que foi responsável pela exclusão dos loucos e pela determinação de sua incapacidade produtiva.

A intenção não era investir em qualquer trabalho, mas num trabalho emancipador.

O trabalho é uma categoria inerentemente humana. Atribui-se ao trabalho a característica que nos diferencia dos outros animais. O homem cria coisas que não existem na natureza, como obras arquitetônicas, compostos químicos, computadores, etc.; ele se objetiva no mundo através do trabalho. No entanto, no sistema capitalista predomina o trabalho alienado, onde o homem não se reconhece no que produziu (MARX, 2010). Para Marx, é a partir da superação do modo de produção capitalista e dos seus atributos que se alcançará a emancipação humana (TALEIKIS, 2009).

Nesse sentido, nos aproximamos do movimento da economia solidária, que nasce na era do capitalismo industrial, em resposta à exploração sofrida pelos trabalhadores nas fábricas – longas jornadas de trabalho, elevada mortalidade, trabalho infantil, etc.

(SINGER, 2002). A economia solidária busca novas formas de produzir, que privilegiem cooperação ao invés da competição, a propriedade coletiva ao invés da privada, a autogestão ao invés da heterogestão.

Segundo Singer (2005, p. 11):

A economia solidária é a resposta organizada à exclusão pelo mercado, por parte dos que não querem uma sociedade movida pela competição, da qual surgem incessantemente vitoriosos e derrotados. É antes de qualquer coisa uma opção ética, política e ideológica, que se torna prática quando os optantes encontram os de fato excluídos e juntos constroem empreendimentos produtivos, redes de trocas, instituições fi economia, escolas, entidades representativas, etc., que apontam para uma sociedade marcada pela solidariedade, da qual ninguém é excluído contra vontade

Ao colocar o trabalho em prática, tomamos como referência os projetos coletivos de trabalho da experiência da reforma psiquiátrica santista, que surgem, segundo Kinker (2011, p. 50):

como forma alternativa e substitutiva às formas alienantes de inserção no mercado, que só reproduzem os valores que geram as invalidações, as exclusões e o aprisionamento a uma vida empobrecedora em torno da mercadoria. Um projeto coletivo de trabalho busca novas formas de relação com o mercado, questionando as formas fixas e autoritárias de se fazer as coisas, desmistificando as relações com a mercadoria e o dinheiro, já que o que se busca é criar estratégias para a multiplicação das relações, das alianças entre grupos e instituições, através da participação efetiva no mercado.

Então, partindo de oficinas terapêuticas e de geração de renda, começamos a criar projetos coletivos de trabalho, buscando parcerias intersetoriais para viabilizá-los.

## **O Nutrarte**

O Nutrarte – Núcleo de Trabalho e Arte - é um serviço da Rede de Atenção Psicossocial de São Bernardo do Campo que vem contribuindo para a reabilitação psicossocial de pessoas com sofrimento psíquico e/ou que fazem uso abusivo de álcool e outras drogas por meio do trabalho, da arte e da convivência.

Os objetivos do Nutrarte são a ampliação e o fortalecimento das redes sociais de suporte de pessoas com sofrimento psíquico, transtornos mentais e consumo de substâncias psicoativas, a partir das relações de trabalho e da criação nas linguagens artísticas.

Compreendendo as dinâmicas das redes sociais de suporte, os projetos de trabalho e arte no Nutrarte atingem uma perspectiva de desenvolvimento local, no sentido de que as ações precisam transbordar a relação do uso do trabalho como recurso terapêutico e continência do sofrimento. A focalização se dá na construção de papéis sociais em torno do trabalho e da arte, a fim de possibilitar o engajamento de vínculos comunitários e apoios sociais no território, garantindo oportunidades e direitos que podem ser construídos e fortalecidos coletivamente.

Segundo Correia (2014) o desenvolvimento local compõe um campo de estratégias plurais para mobilizar, potencializar, gerar competências e capacidades de dada população de um território, para fortalecer a participação ativa nas transformações das necessidades de um local.

Para isso, orienta-se no desenvolvimento local que ações sejam delineadas reunindo o máximo de atores em todas as etapas do processo do desenvolvimento da região; comunidade, poder público, iniciativa privada, universidade, e todos e quaisquer atores interessados em processos mais participativos para a gestão do território.

Com isso, o Nutrarte assume suas ações como um dispositivo não propriamente terapêutico, mas sim, um dispositivo da rede de atenção psicossocial que tenciona a clínica psicossocial, para assumir-se como estratégias para o trabalho e a arte propriamente ditos.

Novamente isso se sustenta na perspectiva da Economia Solidária e desenvolvimento local, uma vez que as ações do Nutrarte estão articuladas de forma intersetorial no município de São Bernardo do Campo, envolvendo a Secretária de Saúde, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo, a Secretária de Cultura e a Secretaria de Educação.

Os projetos de trabalho e arte do Nutrarte atualmente encontram-se como dispositivos em potencial para gerar o trabalho propriamente dito, porém destacam-se como capazes de integrar as redes sociais de suporte nos vínculos de sociabilidade e na transformação de papéis sociais através das propostas e construções de empreendimentos solidários de trabalho reais.

As pessoas que chegam até o Nutrarte são os usuários dos equipamentos da Rede de Atenção Psicossocial do município de São Bernardo do Campo, estes são prioritariamente encaminhados pelos CAPS ou UBS. Não segue um fluxo convencional, a fim de fugir das burocracias de referência e contra-referência.

Ao chegar no Nutrarte o usuário é convidado para uma conversa com um profissional, nesta abre-se um espaço de diálogo para que as histórias de vida sejam narradas, mantendo um foco nas experiências de atividades realizadas pelo sujeito e no modo como estas construíram redes de apoio. Utilizamos um dispositivo chamado ecomapa para “desenhar” as redes sociais de suporte atual.

O ecomapa é um diagrama solar, na qual registra a percepção do indivíduo sobre sua rede social de suporte. Este dispositivo possui um círculo central, que é o indivíduo em atenção, em torno dele circundam pequenas esferas que representam as estruturas sociais de apoio. Por estas compreendem-se as pessoas, lugares e atividades que ele vivenciou no passado e que vivencia no presente. Uma série de códigos simples auxiliam o indivíduo a registrar sua percepção sobre os vínculos com estas estruturas sociais de apoio, durante suas narrativas ele tem a possibilidade de representá-las graficamente e tomar, através da imagem construída, consciência sobre o “estado” (CORREIA, 2014) de sua rede.

Este estado da rede social de suporte contribui para que usuário e profissional construam juntos objetivos de longo prazo a partir da inserção do usuário nos projetos de trabalho.

Passando por pequenos blocos de estágios os usuários vivenciam as atividades de produção dos projetos de empreendimento solidário do Nutrarte. Este período de estágio dura a priori uma semana, porém isso pode ser relativo, o que irá depender das vontades, tempo e necessidades dos próprios usuários. Após este estágio os usuários decidem em qual empreendimento querem fazer parte como integrantes.

A inserção dos usuários nos empreendimentos solidários é acordada com os usuários que já fazem parte. Os membros já integrantes acolhem o novo usuário, explicando a ele os processos de produção, a organização do trabalho, a autogestão, a comercialização e os projetos em desenvolvimento. Os próprios membros dos empreendimentos fazem o acompanhamento do novo membro, tendo o apoio estratégico de um técnico em situações necessárias, quando solicitadas e/ou identificadas tanto pelos membros como pelos técnicos.

Atualmente o Nutrarte conta com 6 empreendimentos solidários: Pastelaria Q’Sabor, Companhia de Palhaços Nó Cego, Antes Arte do que Tarde (produção artesanal de objetos com materiais recicláveis e madeiras), Reaprendendo a Viver (costura de roupas e produção de sacolas retornáveis de patwork), Alinhavando Ideias (customização de camisetas) e Equipe de Vendas Solidária (vendedores de produtos de diversos

empreendimentos solidários do Fórum de Economia Solidária de São Bernardo do Campo).

As ações do Nutrarte também são compostas por ações de extensão integrativa em linguagens artísticas. Estas são realizadas em ateliês da Pinacoteca do município, interessando-nos aproximar e apreender experiências dos usuários em espaços adequados e legítimos de arte e produção artística. Além das experiências com estas linguagens, construímos dispositivos de convivência no território e apropriação na cidade, sendo que somente nestas ações contamos com a participação além dos adultos, de crianças e adolescentes da rede.

### **A Pastelaria e seus sujeitos**

O projeto de inserção ao trabalho pela alimentação nasceu de uma oficina de culinária que acontecia no CAPS III Centro, ministrada por uma profissional que veio do projeto “Mania de Recheio”, de Campinas. Ela trouxe a experiência e a ideia de produzir pastéis. Assim, um grupo de 10 usuários produzia empadas, pastéis, bolos e trufas, que eram vendidas tanto no próprio CAPS quanto na Feira Noturna (feira livre que acontece às quartas-feiras à noite e abre espaço para a comercialização de produtos do Fórum de Economia Solidária).

Ao trabalhar com esses sujeitos a possibilidade de abertura de um negócio, o Nutrarte procurou: contribuir para o resgate de habilidades propiciadoras de maior negociação e contratualidade (socialização, criatividade, senso de responsabilidade, persistência, aprendizagem, etc.); buscar especialistas e cursos que ajudassem a aperfeiçoar a técnica de produção e venda de alimentos; oferecer condições para a experimentação prática da venda de doces e salgados e da prestação de serviços de Buffet; e, é claro, ir atrás de parcerias intersetoriais.

O grupo começou a participar do Fórum de Economia Solidária de São Bernardo do Campo e em 2011 foi convidado a integrar o Espaço Solidário, ponto fixo de comercialização que se localiza no centro comercial da cidade. Nesse Espaço, o grupo comercializou pastéis durante 4 meses, numa barraca improvisada.

Em janeiro de 2012 a SDETT reformou o espaço, transformando-o em cozinha e praça de alimentação. No mesmo ano o grupo conquistou o apoio do Instituto Consulado da Mulher, que além de equipar toda a cozinha, prestou assessoria técnica no processo de incubação do empreendimento. Nesse processo de incubação, o grupo focou um produto principal, o pastel; passou a se sentir capaz de dominar todas as etapas da produção

(compras, cozinha, estoque, caixa, atendimento e gestão); criou processos padronizados de produção; chegou a um nome, a um logotipo e aumentou a renda.

E nesse processo de sair de uma oficina terapêutica do CAPS e do próprio espaço do Nutrarte, passando a serem apoiados pela SDETT e pelo Instituto Consulado da Mulher como quaisquer cidadãos, de trabalharem em um empreendimento no centro comercial da cidade atendendo a um público geral com todas as exigências do mercado, os “usuários” se tornam “passeiros”. Veremos a seguir como cada sujeito viveu essa experiência.

Dois trabalhadores da pastelaria foram moradores do hospital psiquiátrico do município e haviam se mudado há um ano para a Residência Terapêutica. Eles viviam com o olhar apático e só saíam de casa acompanhados. Depois que começaram a trabalhar na pastelaria, parece que ganharam “um rumo”, um objetivo: acordavam cedo de segunda a sexta para ir trabalhar. No início iam acompanhados pelos cuidadores das Residências, mas depois de dois meses já estavam tomando o ônibus sozinhos. No início seu ritmo de trabalho era bem lento, mas pouco a pouco foram se apropriando das tarefas e se especializando nas funções de caixa e fritura de pastéis.

Outro trabalhador voltou a estudar motivado pela necessidade de fazer cálculos para a venda de pastéis. Sua função na pastelaria era servir os clientes. Mas ele fazia mais do que isso. Atendia de forma muito acolhedora. Grande parte dos clientes eram desempregados que iam levar o currículo no Centro Público de Emprego, Trabalho e Renda. Chegavam à pastelaria precisando de uma injeção de ânimo, que era dada por esse trabalhador, através de palavras sábias. Uma vez ele até ganhou uma caixa de bombom em agradecimento, pois seu cliente conseguira o emprego.

Cada sujeito que passou pela experiência da pastelaria desenvolveu alguma habilidade, superou alguma dificuldade. O próprio trabalho em grupo, ainda mais na perspectiva da economia solidária, onde todos têm que decidir tudo no coletivo, era uma novidade. A maioria deles tinha passado por experiências recentes de internações em hospitais psiquiátricos. Uma delas passou trinta anos de sua vida, desde a juventude, sendo internada nos hospitais psiquiátricos da região do ABC. Ela assistiu os fechamentos desses hospitais por dentro: a cada um que fechava ela era transferida para outro. Inserir-se num grupo coletivo de trabalho foi uma oportunidade para ela exercitar a socialização, as decisões coletivas e o trabalho em si.

Teve uma trabalhadora que literalmente se levantou: vivia calada, deitada no sofá, dormindo, não cuidava dos filhos. Dependia da mãe para tudo. Começou frequentando a

oficina de costura do Nutrarte, sempre vinha acompanhada pela mãe. Depois de um tempo começou a vir sozinha. E então pediu para entrar na pastelaria. Jovem ainda, em pouco tempo recuperou praticamente todas as suas habilidades, tornando-se uma das pasteleiras mais ativas do grupo.

Outro trabalhador, com um histórico de várias tentativas de suicídio, e com um discurso bastante confuso e delirante, que vivia com um olhar fundo sempre distante desse mundo, pareceu voltar a olhar para a realidade do cotidiano, pelo menos para produzir esfihas, que era sua especialidade.

Teríamos ainda a história de uma trabalhadora da pastelaria que se inseriu no Nutrarte através da oficina de costura, ampliou suas redes, desenvolveu habilidades, foi para a pastelaria e depois se tornou profissional da saúde.

O trabalho com sentido, numa pastelaria de fato, localizada no centro comercial da cidade, num espaço fora dos muros do CAPS, foi um grande diferencial na vida dessas pessoas. Foi o que os ajudou a se enxergar como trabalhadores, capazes de desenvolver atividades “normais”. Foi o que contribuiu para o processo de mudança do seu “lugar social” na sociedade.

### **Considerações Finais**

O desenvolvimento de projetos de inserção no trabalho na Saúde Mental apresenta-se como um desafio, uma vez que convoca à mudança de valores, referenciais teóricos e políticos e as ferramentas de trabalho por parte dos trabalhadores e a real mudança significativa do papel de doente dos usuários por cidadãos plenos de direitos. Isso se mostra possível, quando as ações na rede de atenção psicossocial conseguem visualizar os seus limites, agenciando outras parcerias setoriais.

O trabalho propriamente dito precisa avançar para as relações e dispositivos da Saúde Mental e se constituírem como espaços legitimados no cotidiano do trabalho, sendo sua grande conquista em direitos e justiça, o trabalho justo e que fomenta a inserção e inclusão social.

A Pastelaria Q’Sabor mostrou-se ao longo do seu desenvolvimento que os atores protagonistas deste projeto organizaram-se de tal modo, que a relação de trabalho avançou da lógica terapêutica para as inserções reais de trabalho, ampliou-se a rede social de suporte e garantiu a construção de novos papéis em cidadania e inscrição social na cidade.

Esta produção não nega o valor agregado da produção terapêutica, na qual compõe a rede de atenção psicossocial, porém destaca que cada vez mais as ações no Nutrarte

tencionam a necessidade de ampliar e fortalecer a intersetorialidade, questionando os “tipos de procedimentos terapêuticos”, que tendem à hegemonia no território.

Trabalhos como o da Pastelaria Q’ Sabor, Nutrarte na cidade de São Bernardo do Campo e os ganhos sociais com os usuários/trabalhadores demonstram cada vez mais que a rede de atenção psicossocial cria brechas para a vida em seu sentido total do cotidiano, sem a intenção constante de ler a realidade e transformá-la em dispositivos terapêuticos, mas na sua gênese preciosa que é a própria vida.

## Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei n.10.216, de 6 de abril de 2001.** Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110216.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm) Acesso em: 22 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil.** Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, 2005. 56p.

CORREIA, R.L. O uso do ecomapa para análise de redes sociais de suporte egocentrada: dispositivo para o desenvolvimento local participativo. [mestrado em Saúde Coletiva]. Faculdade de Medicina do ABC, Santo André, 2014.

KINKER, F. **Fragmentos de uma sociabilidade emergente:** Núcleo do Trabalho do Programa de Saúde Mental de Santos. 261 p. Tese [Doutorado em Ciências Sociais] – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo,.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2010.

SARACENO, B. A reabilitação como cidadania. In: **Libertando identidades:** da reabilitação psicossocial à cidadania possível. BH/RJ: Te Corá/IFB, 2001. p. 111-142.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P. Saúde Mental e Economia Solidária. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. **Saúde Mental e economia solidária:** inclusão social pelo trabalho. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. 134 p.

TALEIKIS, P. **O trabalho como estratégia de desinstitucionalização e emancipação na saúde mental.** 280 p. Dissertação (Mestre em Enfermagem) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

